

O baile alegre

Uma narrativa extraída do diário de meu amigo*

Salomon Maimon

Tradução e comentário **Márcio Suzuki**

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo

Em... se deu um baile *en masque* em homenagem a uma dama célebre. Essa dama, ainda que até agora não tenha sido vista por ninguém, deve ser de uma beleza extraordinária, porém diabolicamente esquiva. Ela é semelhante a um fogo-fátuo: quanto mais próximo se crê estar de cair nas graças dela, tanto mais distante ela se mostra, e quando já se crê estar em plena posse dela, ela desaparece completamente de vista. Seu nome, para dizer com todo o respeito, é senhora M...¹ ou, o que dá na mesma, é a senhora da criada F...² Pois já que, como se disse, esta senhora é invisível e tudo o que se sabe de sua beleza vem da boca de sua criada faladeira, também não se pode, por enquanto, dar nenhum outro nome a ela.

Todos os cavalheiros ali reunidos se empenhavam na disputa pela honra de dançar com a dama atraente. Mas como ainda não lhe conheciam o gosto, foi preciso executar todo tipo de dança para agradá-la: *aimable vainqueur*, *charmant vainqueur*, *passepied*, *dance d'amour*, *princesse bourée*, *courante*, *rigaudon*, *cavotte*, *sarabande* etc. O minueto e a inglesa foram desprezados, por serem vulgares. Primeiro cantarolaram os cavalheiros *idosos*, aos quais se concedeu a primazia devido à idade, mas visto que a nobre arte da dança sempre se aperfeiçoava, como todas as outras artes, e naturalmente há cerca de... anos ela não podia ter atingido a perfeição que

* Não posso evitar pensar que esta narrativa de meu amigo seja uma representação alegórica da história da filosofia. Por isso, a fim de poupar ao leitor o esforço de decifração, acrescentarei algumas notas que possam ajudar a interpretação desta alegoria. (N.A.)

¹ Isso deve significar Metafísica.

² Física.

alcançou depois, esses senhores, já bastante idosos, não podiam aprender algo novo sem fazer toda espécie de *faux pas* e cabriolas esquisitas: não raro eles *se confundiam*, saíam *da linha* e, em vez de encontrar sua querida *moitié*, entraram em colisão com a criada dela.

Para evitar essa dificuldade na seqüência, alguns quiseram expulsar de vez a criada do salão, mas outros se opuseram a isso. Houve desavenças e desafios, mas os idosos senhores já tinham ainda menos jeito para a *esgrima* que para a *dança*.³ O senhor Pi...⁴ insistia em que se deveria dançar com régua, esquadro e compasso na mão, e medir todos os passos com precisão matemática.

O senhor X...⁵ se contentou simplesmente em traçar um círculo em torno do lugar reservado à dança e afirmou que era possível dançar muito bem sem sair do lugar.⁶ Também afirmava que nossos olhos são vidros poliedros que multiplicam de diversas maneiras um único e mesmo objeto.⁷ O senhor H...⁸ chorava de dor e pressentia um incêndio iminente.⁹ O senhor L...¹⁰ mandou a tão elogiada dama para o diabo e, como um rapaz sensato, escolheu a criada como *moitié*. Isso também foi feito depois dele pelo senhor D...¹¹. Apareceram então os *petits maîtres* de nome S...¹², esvoaçando como borboletas de uma dama a outra e rindo da falta de jeito dos velhos tolos, e dessa maneira passaram o tempo alegremente.

³ Entre os antigos, até Aristóteles, a lógica ainda não possuía a forma acabada de uma ciência.

⁴ Pitágoras, cuja metafísica era construída sobre a doutrina dos números e figuras matemáticas.

⁵ Xenófanes afirmava que somente seres infinitos são circulares.

⁶ Ele negava o movimento.

⁷ Ele afirmava: tudo é um, embora pareça ser uma multiplicidade.

⁸ Heráclito.

⁹ Ele afirmava a destruição do mundo pelo fogo.

¹⁰ Leucipo rejeitava todos os princípios metafísicos e estabelecia somente princípios materiais como fundamento de sua filosofia.

¹¹ Demócrito.

¹² Sofistas.

O senhor S...¹³ podia suportar tão pouco a inepta seriedade dos primeiros, quanto a frivolidade dos últimos. Fazia, por um lado, questão de ordem e regularidade, assim como, por outro, de leveza e graça.

De início, suas instruções causaram muita impressão nos jovens senhores e nas jovens damas, mas como chegou muito tarde e a libertinagem já fizera por prevalecer, ele acabou se lhes tornando insuportável, e foi enxotado do salão.¹⁴ Foi sucedido pelo senhor P...¹⁵, um homem de *air noble* e caráter sério. Afirmava ele que seria impossível agradar a tão elogiada dama dançando, se durante a dança os olhos não se mantivessem fixos em certas imagens pairando ao redor do salão (imagens que no entanto não eram vistas por mais ninguém além dele), e se não se marcassem todos os passos de acordo com elas. Então todos acreditaram efetivamente ver essas imagens maravilhosas, e se alegraram extraordinariamente com a nova descoberta. Passada, porém, a primeira embriaguez, eles começaram a se envergonhar de sua credulidade. Com os diabos!, gritavam todos, não vemos imagem alguma; esse senhor Pl. é um doido ou um impostor. Apareceu então o senhor Ar...¹⁶, um homem de aparência bem pouco promissora, mas de imensas capacidades intelectuais. Entre outras coisas, escreveu também um livro sobre a arte da dança¹⁷, no qual apresentou todas as suas regras, determinou *a priori* todos os possíveis *faux pas*¹⁸, reduziu todas as danças a dez¹⁹ e fez questão de que todos dançassem conforme essas regras.

Depois dele veio o senhor Z...²⁰, um homem de caráter sério e muito orgulho. Afirmava não depender de nada, não amar a nada, nada abominar nem temer, e

¹³ Sócrates.

¹⁴ Ele foi executado, como se sabe.

¹⁵ Platão. Alusão à sua doutrina das Idéias.

¹⁶ Aristóteles.

¹⁷ O seu *Organon*, onde se ensina a *lógica*, arte de dançar com conceitos sem sair do lugar.

¹⁸ Todas as espécies de paralogismos.

¹⁹ Os predicamentos ou categorias.

²⁰ Zenão, fundador da escola estóica.

mesmo se durante a dança fosse acometido de cólicas intestinais que o fizessem rebentar de dor, sustentava não sentir o mínimo que fosse daquilo.

O senhor Pir...²¹ queria saber tão pouco da dama quanto de sua criada, mas afirmava que, por ser um *bom exercício*, dançar já é em si *benéfico à saúde*. Então chegou a vez de jovens cavalheiros que dançavam efetivamente com mais gosto e graça, porém com não maior êxito que os precedentes.²² As velhas disputas se reacenderam de novo entre eles e, salvo ligeiras alterações, tudo ficou na mesma. Um dos mais inteligentes dentre eles não pôde suportar por mais tempo aquele *dom-quixotismo*.²³ Ele notou que a dama tão enaltecida era *fruto da imaginação* daqueles senhores, cuja imagem bem podia incitar um cavaleiro andante a ações heróicas, mas, sem a devida precaução, também a todo tipo de excesso. Mostrou também como surge essa ilusão e os meios de se preservar dela. Isso causou grande rebuliço, formaram-se partidos, alguns procuravam obstinadamente afirmar a existência daquela dama, como até então se acreditara, outros desesperavam dessa empreitada. Meu amigo...²⁴, que se encontrava presente, também se envolveu na disputa. Ele não apenas aprovou inteiramente a opinião acerca da não existência daquela dama, mas afirmou ainda que se podia ser um bom cavaleiro sem se apaixonar por aquela idéia quimérica, desafiando os dois partidos a defender suas afirmações dos contra-argumentos dele. Tendo sido o primeiro a quem foi dado ler o bilhete de desafio, um covarde *mascarado* do partido *contrário à dama*, que não confiava o bastante em suas próprias forças para aceitar o desafio, respondeu aos presentes, quando lhe perguntaram a respeito do conteúdo do bilhete: *Não sei, a letra é ilegível*.

Alguns dos senhores que não tinham muito jeito para dança não quiseram mais saber daquela história toda. O senhor... deixou o salão indo para um aposento contíguo, onde passou o tempo junto a algumas garrafas de champanhe em companhia da senhora B... O senhor ... jogou uma partida de *piquet* fumando sossegadamente um

²¹ Pirro, fundador da escola céptica. Afirmava que se deve buscar a verdade, embora jamais possa ser encontrada com certeza.

²² Os filósofos modernos introduziram um método mais apropriado no pensamento, sem no entanto dar um passo à frente no que concerne à metafísica.

²³ Com isso presumivelmente se está pensando em Kant.

²⁴ Aquele que tem interesse nessa questão descobrirá sozinho quem é este amigo e em que consiste sua afirmação. O leitor também não precisa ser um Édipo para desmascarar o indivíduo mascarado.

pequeno cachimbo com o tabaco da melhor qualidade que só ele podia ter. Também cansados desse tipo de briga, outros indivíduos valorosos foram para casa, cuidar dos seus afazeres. —

O diário de meu amigo vai só até aqui. Estou curioso em saber o final desse baile sem igual. —

Maimon e a história da filosofia

Fui adepto, sucessivamente, de todos os sistemas filosóficos, peripatético, espinosano, leibniziano, kantiano e, finalmente, cético, e sempre afeiçoado àquele sistema que na época considerava como o único verdadeiro. Por fim observei que todos esses diferentes sistemas contêm em si algo verdadeiro, e são igualmente utilizáveis sob certos aspectos.
(Salomon Maimon)

A "pequena narrativa alegórica" que se acaba de ler é o último capítulo da "história da vida" do filósofo Salomon Maimon, "escrita por ele mesmo" e editada por seu amigo Karl-Phillip Moritz em 1792/1793. Embora a insira como "capítulo final" de seu livro, o autor obviamente não vê nessa pequena peça sobre a história da filosofia um testamento filosófico, nem tampouco o ato derradeiro da história da filosofia. De fato, fingindo comunicar ao leitor as notas do diário de um amigo, o narrador se diz ele mesmo "curioso em saber o final desse baile sem igual".

Muito importante, como se sabe, para a doutrina-da-ciência de Fichte e para o romantismo alemão, o enlace de vida e filosofia não é, também para Maimon, mera coincidência. Na sua autobiografia, ele lembra a maneira "bem singular" (*ganz*

sonderbar) pela qual procurou compreender os sistemas de Espinosa, de David Hume e de Leibniz. Foi também por essa hermenêutica peculiar de "entrar pelo pensamento num sistema" buscando "penetrar no sentido do autor" que ele estudou a então e ainda hoje difícil *Crítica da razão pura*.

O fato de deixar o fim do baile em suspenso se deve provavelmente ao traço mais marcante e conhecido do pensamento maimoniano, o ceticismo, mas certamente não só a ele. O filósofo caracteriza o próprio sistema como um "sistema de coalizão", paradoxal "ponto de unificação" das filosofias por ele estudadas. Que a singular mistura de Espinosa e Leibniz, Hume e Kant, não redunde em ecletismo, numa mera aglutinação ou agregação de idéias, disso dá testemunho o elogio que Kant fez a seu *Ensaio sobre a filosofia transcendental*, de 1790. Fichte também destacará a importância de Maimon, colocando o seu ceticismo em paralelo com o criticismo de Kant. Segundo o autor da doutrina-da-ciência, cada um deles, ceticismo e criticismo, segue "seu caminho uniforme", e ambos são fiéis a si próprios, pois ambos visam, mas interditam, o conhecimento da coisa-em-si: "Só muito impropriamente se pode dizer que o crítico refuta o cético".¹

A leitura de Fichte – que pensava numa radicalização do criticismo com Maimon, mas imaginava colocar a doutrina-da-ciência num plano ao mesmo tempo diferente e superior ao dos dois² – projeta uma luz reveladora sobre o modo como Maimon entendia sua própria filosofia e a história da filosofia. Na autobiografia, ele afirma que considera a "filosofia kantiana irrefutável por parte dos *dogmáticos*", mas crê que "esteja exposta a todo tipo de ataque por parte do ceticismo humiano." Não vale a pena entrar aqui nos pormenores das objeções do cético ao filósofo transcendental, mas sim tentar refletir sobre essa reviravolta que transforma de novo Hume numa sombra indesejável do edifício crítico.

No seu livro *Kant e o fim da metafísica*, Gerard Lebrun afirma que a crítica kantiana é "a condição de possibilidade da história da filosofia". Com efeito, ousando se situar "no exterior da metafísica" e colocando essa ciência "entre parênteses", Kant pôde tomar um tal distanciamento das obras dos filósofos, que possibilitou aquilo que hoje se chama de "história da filosofia".³ Sem contar todos os ganhos que essa

¹ FICHTE, J. G.: *Grundriß des Eigentümlichen der Wissenschaftslehre*. SW, I, 388.

² Sobre a leitura de Fichte, veja-se *O espírito e a letra*, de Rubens Rodrigues Torres Filho, p. 91.

³ LEBRUN, G.: *Kant e o fim da metafísica*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 12.

perspectiva representa para a leitura do próprio Kant e da história da filosofia contemporânea (tudo isso devidamente apresentado e avaliado por Lebrun), talvez não seja inútil insistir, mais uma vez, nas implicações dessa interpretação para os estudos da filosofia pós-kantiana. Como contraprova "fatural" da tese lebruniana – a história da filosofia só é possível com a crítica – poderiam ser lembradas as diversas "histórias da filosofia" (embora naturalmente não se deva confundi-las com a "disciplina" de mesmo nome praticada a partir do século vinte) que começam a surgir por ocasião do concurso da Academia de Berlim sobre os progressos da metafísica desde Leibniz e Wolf. O concurso foi anunciado em 1788, e o julgamento marcado para o ano de 1791 e depois prorrogado para 1795. É neste quadro que surge a "representação alegórica da história da filosofia" com que Maimon encerra sua biografia.

Mesmo que o concurso ideado pela Academia berlinense tenha sido pensado como antídoto ao criticismo kantiano, o tema proposto só podia mesmo ser sugerido no novo horizonte aberto pela crítica da razão. Se essa afirmação é correta, ela explica porque vários autores imbuídos do espírito crítico se sentiram concernidos a dar uma resposta à altura da questão proposta, entre eles Reinhold, Hülsen e Maimon – sem falar do próprio Kant, que, como se sabe, ensaiou uma "história filosofante da filosofia" nos esboços do seu *Os progressos da metafísica*, de publicação póstuma.⁴ Datam de pouco mais tarde os fragmentos sobre história da filosofia de Novalis e Friedrich Schlegel⁵, bem como as reflexões do jovem Schelling. A partir de 1822, Schelling ministrará cursos sobre o tema.⁶ Schopenhauer e Hegel também dedicarão à história da filosofia trabalhos bastante distintos, tanto pela extensão quanto pelo conteúdo.⁷

4 Sobre o concurso e os participantes, veja-se a excelente introdução de Felix Duque à tradução espanhola publicada pela editora Tecnos.

5 NOVALIS: *Pólen. Fragmentos – Diálogos – Monólogo*. Tradução, apresentação e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2ª ed., 2001. SCHLEGEL, Friedrich: *O dialeto dos fragmentos*. São Paulo: Iluminuras, 1997 (Biblioteca Pólen).

6 Há uma tradução em português de uma parte do curso do ano de 1827, realizada por Rubens Rodrigues Torres Filho e publicada no volume Schelling da coleção "Os Pensadores".

7 Maria Lucia Cacciola traduziu para o português os *Fragmentos à história da filosofia* de Schopenhauer. A tradução, como notas e introdução da estudiosa da obra schopenhaueriana, deve ser publicada ainda neste ano de 2002 na Biblioteca Pólen da editora Iluminuras.

Em 1835, Heine publicará sua *Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha*.⁸

Num ambiente filosófico em que o assunto mais discutido era se a inovação introduzida pela crítica seria capaz de solapar definitivamente o velho dogmatismo, a resposta de Maimon é inteiramente original. Depois do rebuliço causado pela afirmação de um dos participantes do baile de que a bela dama era "fruto da imaginação" (a nota assinala que se trata de Kant), um dos amigos do autor do diário negou peremptoriamente a existência da admirada senhora M...

Contudo, esse amigo do autor vai mais longe. Procura levantar argumentos contra os dois partidos, o dos que são favoráveis e o dos que são contrários à dama. No âmbito da filosofia maimoniana isso significa que se pode decretar o fim da *metafísica*, sem ter por isso de renunciar a certas teses "bem fundadas" dos sistemas dogmáticos, como se o interessado na nova filosofia pudesse e devesse visitar os antigos casarões do dogmatismo a fim de poder pensar melhor os alicerces do futuro edifício de sua ciência.

Na história da filosofia concebida por Maimon, a filosofia transcendental não se instaura como o sistema por excelência, excluindo os demais. Isso também fica claro na retomada que faz do ceticismo: se a filosofia transcendental é "irrefutável" por parte dos dogmáticos, ela continua exposta às objeções do ceticismo humiano. Kant não pôde eliminar inteiramente as dificuldades levantadas, na questão da causalidade, por Hume, e não conseguiu, por isso, chegar efetivamente a estabelecer juízos sintéticos *a priori* válidos no âmbito da experiência.

O salutar hábito de confrontar as filosofias levou Maimon à situação paradoxal de adotar a postura de um cético transcendental. Essa postura revela, no entanto, a consciência que o autor tem de uma questão que ainda continua a obsedar comentadores da filosofia: a crítica kantiana teria de fato "superado", no problema da causalidade e da teleologia, os obstáculos levantados por Hume? Sem mencionar os trabalhos de Deleuze e de Malherbe, é bem sabido que, depois de escrever *Kant e o fim da metafísica*, em diversos artigos Gerard Lebrun pôs sob suspeita as revelações que fizera em seu livro, para posteriormente voltar de novo atrás. Em pelo menos dois

⁸ HEINE, Heinrich: *Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha*. São Paulo: Iluminuras, 1991 (Biblioteca Pólen). Num certo sentido (a ser melhor explicado) pode-se pensar que, também dessas "história da filosofia", o "precurssor" é Hemsterhuis, em sua *Carta de Diócles a Diotima sobre o ateísmo*. Tradução de Pedro Paulo Pimenta (do francês) e Rubens Rodrigues Torres Filho (do tradução de Jacobi). In: *Sobre o homem e suas relações*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

momentos ("Hume e a astúcia de Kant", "A Terceira Crítica ou a teologia reencontrada") mostra que muita coisa atribuída pela historiografia a Kant já havia sido pensada radicalmente por Hume — o que implicaria encontrar uma nova data para o fim da metafísica e, por tabela, repor a questão de se é possível fazer *história da filosofia*. Ou será ainda que tudo isso só se tornou mesmo visível *depois* de Kant?

É essa delicada questão que a pequena alegoria de Maimon ajuda a repensar. Sem dúvida, é preciso muita cautela ao afirmar quando esse baile acaba. Se é que acaba.